

REGINA GUIMARÃES



Foto: Paulo Pimenta

3

(Porto, 1957) foi docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e na ESMAE. Poeta, dramaturga, letrista, criou com Serge Abramovici (Saguenail) a editora Hélastre onde publicou grande parte do seu trabalho poético. Estreou-se na poesia com *A repetição/La répétition* (1978), tendo desde então publicado inúmeras obras nos campos da poesia, teatro e ensaio. Na &etc editou, em 1985, o livro *Anelar, mínimo*. Já nos anos de 1990, começou a colaborar com Ana Deus na escrita de canções para teatro e vídeo. Dessa colaboração emergiu a banda Três Tristes Tigres, devendo-se a Regina Guimarães a autoria de grande parte das letras. Este trabalho foi objecto de análise no volume *As Letras como Poesia*, de Vitorino Almeida Ventura. Entre as suas obras mais recentes contam-se *Casamata* (Douda Correria, 2017) e uma colaboração na antologia *Pecados Correntes* (2020), editada no âmbito do encontro literário Correntes d'Escritas.

AS FOLHAS DA PEQUENA IDADE

abre-se o livro que nunca se fechou completamente
e o silêncio da carne separa-se do cântico dos ossos
e a carne cantante da separação é silenciada pelos ossos
e a casa fumegante distribui toda a sua luz pelas janelas
e as janelas casam com a luz distribuída do fumo
e tu levantas-te ainda mais cedo do que é costume
e perguntas-te com a voz arranhada na infância dos joelhos
quantas folhas pode uma velha árvore carregar
enquanto o tempo por ela passa
mais velozmente devagar
do que já foi costume

In *Casamata*, com desenhos de Paulo Ansiães Monteiro, Douda Correria, Outubro de 2017, s/p.

Às vezes leio onde não devo
os meus olhos são guiados
como por uma carícia
outras onde não sei
nessas línguas e lugares
em que o eu não é meu

In *Caderno do Poço e da Gaveta*, Hélastre, 2012, p. 165.

DIGA33

POESIA NO TEATRO
ÀS TERCEIRAS TERÇAS-FEIRAS
DE CADA MÊS

PROGRAMA ELABORADO POR
**HENRIQUE MANUEL
BENTO FIALHO**



DO USO DA USURA EM POESIA

O banqueiro que há em todo o poeta
recém-praticante da contenção
— mesura, cesura, doçura, censura —
exultará quando lhe mostrarmos
que na terra dos mortos-vivos
Sísifo empurra o peso da sua riqueza
e não apenas um descomunal penedo
uma vez finado de velhice duvidosa.

O banqueiro que há em todo o poeta
teórico-praticante da poupança
— baixeza, pureza, grandeza, proeza —
jubilará quando lhe demonstrarmos
que o sovina e o esbanjador
se reconciliam em pé de página
sempre que o poema estende os braços
à corte, ao salão, à academia.

Diz-nos Shylock
ele que sabia do que a casa gasta
a pretexto de um certo viver
de amor morno e água fria
na arcádia das entrelinhas:
“A vileza que me ensinai, pô-la-ei em prática,
e custe o que custar, melhor serei que
[os meus mestres.”

Ao que responderemos
respeitosamente
e em defesa do apego ao pão duro:
para bom entendedor,
a palavra de sobra
é justamente aquela que magoa
e faz obra.

In *Pecados Correntes*, Vários Autores,
Município da Póvoa de Varzim, Fevereiro de 2020, p. 26.

PRÓXIMA SESSÃO
21 de Julho

ANTÓNIO CABRITA

